

BOCADA

• ESPECIAL

GAAGERÊ



"A GENTE É RESISTÊNCIA"



DJ RAFFA
35 ANOS
DE HIP HOP

DJ MARCO - XIS - DJ ÉFFI - XEMALAMI
(DJ SET) (DJ SET) (DJ SET) (POCKET SHOW)

XADREZ COM

09/11
SÁB./15H

LOJA HIP HOP +
EXPO LIVROS CHESS
@XADREZCOMX

ENTRADA GRÁTIS

PATUÁ DISCOS

R. FIDALGA, 516 - VILA MADALENA - SÃO PAULO





História

O hip hop completará 50 anos em 2023, o movimento cultural criado nas ruas subverteu os conceitos musicais, criou novas plataformas sociais e faz parte de uma grande indústria que gera milhões de dólares a cada mês. O Brasil não ficou fora dessa explosão sociocultural e viu o surgimento de muitos artistas.

O grupo Cagebê, de São Paulo, e o DJ Raffa, do Distrito Federal, são exemplos de arte, trabalho, resistência e muito talento. Os rappers paulistanos completam 20 anos de carreira neste 2019. O cagebê lançou recentemente o disco "Pretérito". Já DJ Raffa comemora seus 35 anos de hip hop com o álbum "DJ Raffa 35 Anos - Vol.1".

p.3
Cagebê

p.9
DJ Raffa

André Cesário
DIRETOR-EXECUTIVO





Rimando o aprendizado

Por Bocada Forte

"Professor, faz uma rima aí", é dessa maneira que muitos alunos da escola Escola Estadual Professora Elza Saraiva Monteiro, no Jardim Peri, abordam Cezar Sotaque e Shirley Casa Verde, MCs do grupo Cagebê.

"Muitos nem conhecem nosso grupo, mas eles sabem que a gente canta", diz Cezar. Segundo Shirley, algumas pessoas sabem eles são do rap por causa de suas participações e desenvolvimentos de projetos sociais e culturais no Jardim Peri, bairro da zona norte de São Paulo.

A vivência das ruas e o hip hop foram levados para o ambiente escolar e fazem parte da troca de saberes que o Cagebê registra em seu mais recente trabalho, o disco "Pretérito", terceiro álbum do grupo. "Eu tenho orgulho de falar que sou MC. Eu chego e falo mesmo, qual o problema", Shirley comenta sobre sua atuação como educadora e artista na rede pública de ensino.

"A gente acabou indo pra esse universo da educação por causa do rap. Não foi o contrário. O rap nos levou pra outros lugares, isso a gente fala numa música lá do CD "Vilarejo" [segundo disco do Cagebê, lançado em 2011. "Lado Beco", primeiro álbum do grupo, foi lançado em 2006]. A gente acabou fazendo um curso superior acreditando que era possível estar dentro da escola e, de alguma maneira, ouvir estes jovens. Nossa experiência com o rap, com a rua foi mostrada para os alunos e a gente levou isso para nossas composições", conclui Cezar.

O resultado pode ser ouvido nas 14 faixas de "Pretérito". O disco conta com produções de Mortão VMG, DJTG, Semgrana e Cezar Sotaque. Luís Café e o estúdio ReCLivre são responsáveis pela masterização. Rafael Mendes assina a arte da capa. O grupo ainda conta com o DJ Paulinho.

MIXTURA.COM.BR

Mixtura é uma plataforma de rádio online. Idealizada e produzida por Jaime Diko Lopes, morador do bairro Jardim Monte Azul, na zona sul de São Paulo, a plataforma web disponibiliza sua grade para todos que queiram participar da iniciativa colaborativa. A apropriação e a interação do público é o que define a diversidade da programação. Promover a troca, registrar e difundir a variedade de interesses e vertentes musicais e artísticas da comunidade é a intenção do projeto em desenvolvimento.





DIAS DE LUTA

“Hoje a gente está vivendo este mundo dentro das escolas. A gente ouve os jovens, a gente fala. É uma troca de aprendizado. É claro que a gente traz também tudo isso pra música. São falas de professores e de alunos, não tem como isso não influenciar nas letras e na composição. ‘Nota zero e meio’ é uma música que fala muito disso, das inquietações dos alunos nas quebradas”, diz o rapper. Cezar, MC formado em história, e Shirley, rapper formada em artes, trocaram uma ideia com o BF para falar sobre o novo álbum do Cagebê e, como não poderia deixar de ser, também falaram de política e educação. “A gente foi buscar o diploma. A vivência a gente já tinha”, arremata Shirley.

O DISCO

Para nós, alguns valores não podem ser perdidos. Como professor de história, para entender como o mundo se desenvolveu, eu preciso voltar no tempo. A ideia do CD “Pretérito” é trazer elementos que hoje, talvez, algumas pessoas possam ter esquecido, por não ter esse hábito de resgatar a história. O nosso novo disco flutua nessa linha, da composição das músicas aos arranjos, diz o MC e professor de história.

Na parte estética, nosso disco tem boom bap e muitos samples. É algo que a gente se identifica. Eu acho que o rap perdeu muito dessa coisa do sampler e do “bumbo+caixa” hoje em dia, argumenta o rapper.

CONTEÚDO

“Pretérito” tem a preocupação social em suas letras. Nossos discos anteriores também são assim, mas algumas coisas a gente só enxerga com o amadurecimento, isso é natural. Não tivemos a preocupação com a temática, pois isso já vem de nós, é espontâneo, tanto nos assuntos quanto na estética do trabalho. Escrevemos sobre coisas que nos afetaram.

CONTRA O TEMPO

Nosso disco é equilibrado pela essência. Não sei se as pessoas vão curtir, se vão gostar. Também não sei se este disco vai chegar em algum lugar, pois hoje existe uma outra lógica de mercado. Na questão da distribuição...Enfim, existem outras questões diz Cezar.

O rapper continua: A gente não se preocupa com o que está rolando no momento da cena. O artista precisa de liberdade. O artista é a liberdade. A gente não tem que compor pensando no que está ‘pegando’.

É seguir totalmente na contramão do que a moda dita, do que o mercado produz. Isso tem um preço também. Muitas vezes esse preço é o anonimato. A gente não está preocupado com isso, fazemos a nossa arte.

Shirley reafirma o compromisso do Cagebê: Somos da geração anos 1990, os elementos que trazemos nas nossas composições são todos da rua.

SHIRLEY E O FEMINISMO

Eu sempre trouxe as letras pro universo da mulher, mas esse disco está mais carregado. Muitas coisas mudaram, muitas coisas foram conquistadas pelas mulheres. Nossa luta é antiga, e falta muita coisa ainda.

Na periferia, tem uma grande parte das minas que não buscam mudanças. Estão no contra. É complicado mudar essa parada. Discutir entre nós lá no vão do Masp é fácil, quero ver discutir onde a mulherada precisa, nas quebradas. Falta muita coisa na quebrada.



RAP CONTRA A VIOLÊNCIA

Sempre foi assim. Hoje as redes mostram essa violência. Aconteceu...está na web. Hoje as mídias estão sendo obrigadas a mostrar. As mídias querem repercussão, eles passam esses vídeos porque são obrigadas, afirma a compositora Shirley.

Cezar fala do papel do rap em meio ao cotidiano de violências nas quebradas: A morada da violência é sim o gueto. Ninguém fala nada. Como que nós do rap e do hip hop vamos ficar passivos diante uma coisa dessas. O rap é livre expressão, você tem que falar, denunciar, dizer o que pensa. Explorar os canais pra poder dizer o que estamos sentindo. Parece que existe hoje uma orientação: Olha, chega de falar dessa. Chega!

Você pode falar o que quiser. O que você não pode é deixar de falar. O nosso governo federal tem um discurso que parece que autoriza essas coisas.

Não sei até onde o Cagebê vai, mas eu acho que o rap com essa textura, com essa estética e conteúdo precisa continuar existindo. Também acho que novos grupos precisam surgir a partir disso, dessa movimentação.

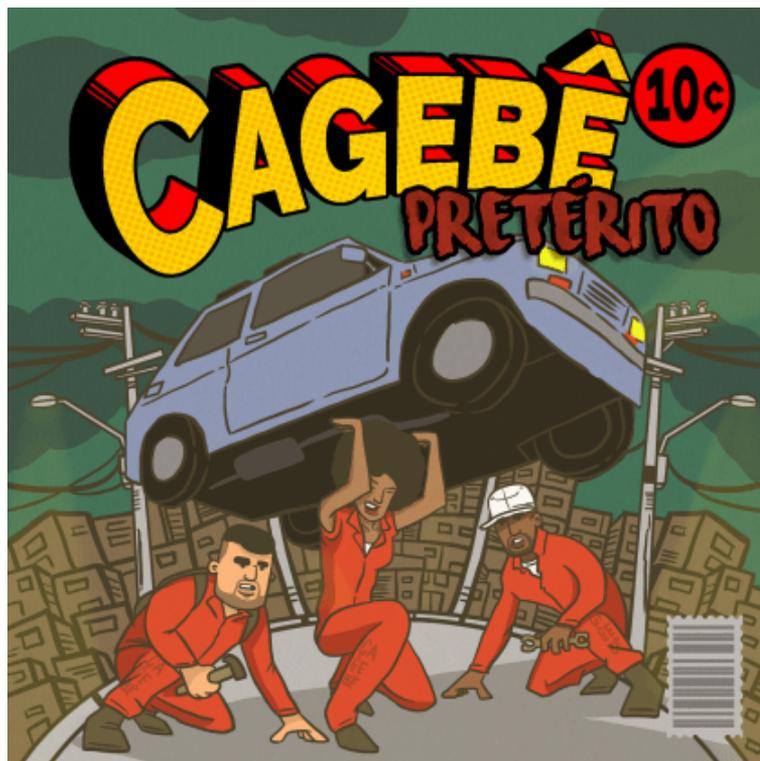
EDUCAÇÃO, DIREITA, E COLÉGIOS MILITARES

A educação é muito complexa. ela não se resume em criar colégio militar [Governo Federal prevê 216 escolas militares até 2023]. O problema é estrutural.

Não existe investimento na educação. O que existe são migalhas que o governo federal e os repasses estadual e municipal nos provam que o que fazem é pouco. O professor ganha mal. Recursos na escola são escassos.

Os governos de Lula e Dilma foram voltados para o social. Sou exemplo disso, foram as políticas públicas voltadas para a educação no nível universitário que favoreceram muitos jovens.

Saiba mais sobre o Cagebê no Acervo do Bocada Forte



RESISTÊNCIA

Mas acho que foi um erro não terem investido na base. Não só os governos de Lula e Dilma. São governos e governos que passaram e não investiram na escola pública. Hoje, continuam não investindo, diz Cezar.

Shirley lembra que os anos 80 ainda tinham o cheiro militar. Tudo era muito rígido também. Como reação, muitos jovens saíam da escola. O que pode acontecer hoje é isso: muitos vão ficar fora da escola. Vão sair.

Outra coisa: hoje é quantidade e não qualidade. A escola está cheia. É um professor para 45 alunos.

Cezar complementa: Os professores estão afetados, estão doentes. Pais e mães, que não conseguem acompanhar seus filhos na vida escolar por causa de sua jornada de trabalho, também foram formados por essa escola deficiente. É preciso contextualizar.

Esta é a grande diferença entre a esquerda e a direita: a esquerda contextualiza, a direita apenas julga.

Falando da atuação do grupo, Shirley finaliza: A gente é resistência. Não dá pra ficar esperando o governo.



RACISMO É CRIME DENUNCIE 0800-773-3886

SOS Racismo - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
Av. Pedro Álvares Cabral, 201 – Sala Prof. Eduardo de Oliveira Andar Monumental
E-mail: sosracismo@al.sp.gov.br – www.al.sp.gov.br/sosracismo
Fone/Fax: 3886-6299 – Atendimento de segunda a sexta-feira



DJ Raffa: 'Eu sempre estive à frente do tempo'



Por BF

DJ Raffa, um dos maiores produtores da cena rap brasileira, completa 35 anos de carreira e prepara um show para celebrar o lançamento do disco "DJ Raffa 35 Anos - Vol. 1". Filho do maestro Claudio Santoro (1919-1989), ícone da música erudita brasileira e conhecido mundialmente por suas obras e experimentações, Raffa conheceu o hip hop por meio da dança, mas bem antes dos anos 1980, a proximidade com o trabalho de seu pai em estúdios de gravação despertou o interesse pela música.

"Meu pai montou um estúdio de gravação profissional em casa e eu cresci ouvindo esses sons estranhos", relembra o produtor. Raffa trocou uma ideia com o Bocada Forte. Entre outros assuntos, o DJ falou sobre o exílio de sua família na Alemanha, no período da ditadura militar, e comentou a viagem de volta ao Brasil que sua mãe, Gisele Santoro, fez só para que Raffa tivesse a nacionalidade brasileira.

SIGA-NOS NO INSTAGRAM @BOCADAFORTEBF



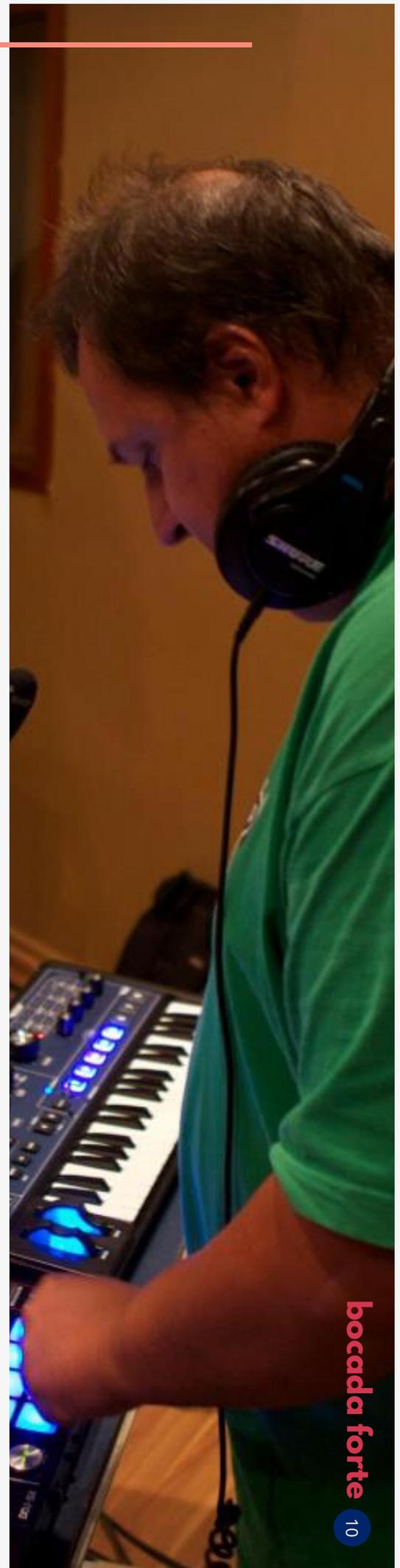
do break ao estúdio

Bocada Forte: Na década de 80, numa reportagem da Rede Globo sobre seu pai, o maestro Claudio Santoro, você apareceu dançando o que chamavam na época de "Break". A dança foi sua porta de entrada para o hip hop?

DJ Raffa: Sim. Fui b.boy de 1983 até 1986, mas era um dançarino de break frustrado (risos). Nunca fui muito bom nos power moves no chão. Sempre dancei melhor break em cima. Dançar break foi minha entrada no hip hop. Logo em seguida, me interessei pela arte do DJ e, por consequência, acabei virando produtor musical.

BF: Você já afirmou anteriormente que seu pai fazia experimentações com a música eletroacústica, numa época em o termo música eletrônica não era popular no Brasil. O quanto o trabalho de Claudio Santoro influenciou as produções iniciais do DJ Raffa?

DJ Raffa: Em nosso exílio na Alemanha, nos anos 70, meu pai foi um dos pioneiros na música eletroacústica, fazendo experimentações e composições em sintetizadores modulares da época. Ele montou um estúdio de gravação profissional em casa e eu cresci ouvindo esses sons estranhos. Talvez por isso eu tenha me interessado na tecnologia da música e começado a fazer minhas primeiras composições depois.





BF: Qual o motivo do exílio na Alemanha?

DJ Raffa: A ditadura militar. Meu pai era do Partido Comunista e foi perseguido como todos os intelectuais das universidades.

Depois que o apartamento foi invadido pelos militares e tudo que estava dentro levado por eles, quando soube que estavam atrás dele meu pai resolveu fugir. Ele conseguiu o visto de saída porque por acaso. A pessoa que tomava conta disso [liberação dos vistos] tinha uma consideração enorme por ele... Porque meu pai já havia tentado outras vezes e haviam negado.

Mas aí ele foi pra França e depois se candidatou a vaga de professor de regência e composição na Universidade de Manheim, na Alemanha Ocidental, na época. Meu pai conseguiu a vaga. Aí depois minha mãe, minha irmã e meu irmão foram pra lá.

Eu nasci depois, mas minha mãe voltou pro Brasil, no Rio de Janeiro, onde ficava sua família, apenas para eu nascer brasileiro. Ela voltou pra Alemanha após isso.

Apenas em 1978, no final do governo Geisel, com o início da abertura política, que meu pai voltou, a convite do Darci Ribeiro, para assumir novamente o Departamento de Música da UnB, que ele havia fundado, e para inaugurar o Teatro Nacional de Brasília, que hoje leva seu nome e, é claro, para fundar a Orquestra Sinfônica do Teatro. Por causa disso ele resolveu voltar. Em 2019 celebramos o centenário dele [Claudio Santoro].

BF: Você já fez algum trabalho com samples ou releituras da obra de Claudio Santoro?

DJ Raffa: Fiz um disco chamado “Santoro Popular”, que saiu em 2010 e está nas plataformas digitais. Mas foi um trabalho mais simples. Peguei umas músicas dele de arquivos pessoais, inclusive algumas de fitas cassete, e coloquei uns beats em cima. No momento, estou em produção de uma releitura dos prelúdios para piano dele [Claudio Santoro], em um formato new jazz misturado com bossa nova e hip hop. O trabalho é feito com samplers e músicos de verdade. O projeto é para o ano que vem.

BF: Você lembra quais foram os principais equipamentos que você utilizou nas produções do rap dos 90? Ainda possui algum? Ainda usa algum?

DJ Raffa: Ainda uso, de vez em quando, alguns módulos de teclados que eu tenho desde os anos 90, tais como o Roland XV 3080 e o meu Vintage Keys. Sou da época que se fazia música com equipamentos tipo samples, teclados e sequenciadores midi. Tudo sem computador. Meu sequenciador (o computador na época) era o Alesis MMT8. Já tive samplers da Roland como o DJ 70, S-330 e um S-760, e teclado um D-20, também da Roland. No caso das baterias eletrônicas tive: DDD5, da Korg. Electribe, também da Korg. Lidei com as "groove box" da Roland e da Alesis, que também reproduziam timbres acústicos.

BF: A música negra e o rap mudaram muito nestes 35 anos. Como você vê a atual cena? Há diversidade nas produções?

DJ Raffa: Há diversidade nas produções. Tem muita gente da nova geração fazendo excelentes trabalhos. Minha crítica é que muitos estão apenas pela moda, oportunismo ou exclusivamente pelo dinheiro e não pelo amor à cultura. Não que seja errado você ser bem remunerado por seu trabalho. Mas acredito que os verdadeiros irão ficar. E aqueles que estão no movimento apenas porque acham legal estar na moda vão seguir fazendo outra coisa em pouco tempo. Entrar no jogo é fácil. Permanecer nele... Aí é outra história. Não foi fácil para mim atravessar as barreiras das gerações e me manter firme e forte, na ativa e trabalhando muito.

Os equipamentos utilizados por DJ Raffa



Alesis MMT-8



Roland MC-3030



Bateria Eletrônica Korg - Electribe ER-1



Bateria Eletrônica Alesis HR-16



Bateria Eletrônica Alesis HR-16B



Sampler Roland S-330



Roland D-20



Sampler Roland S-760



Roland DJ-70

BF: Além da questão estética, os temas do rap também tiveram mudanças e estão mais próximos da música pop. Em sua trajetória, você já fez trabalhos alternativos, gangstas e pop. Acredita que não há barreiras para o rap?

DJ Raffa: Não há barreiras para qualquer estilo de música. Muito menos pelo rap, que considero a música mais criativa de todos os tempos. O rap está sempre em constante evolução e mutação. Acho que tem espaço para todo tipo de rap. Não acredito que o rap brasileiro já esteja sendo pop de verdade. Se fosse isso, estaríamos vendo este estilo em palcos principais no Rock in Rio, em programas de TV famosos e temas de abertura de novelas, programações de rádios POP etc... Veja bem, alguns artistas estão nestes lugares que citei, mas é muito pouco se compararmos os outros seguimentos musicais como o sertanejo, por exemplo, que tem rádios próprias e leva multidões aos shows. As pessoas estão se iludindo com likes e visualizações no YouTube, que nem sempre são a realidade da coisa.

BF: Acha que atualmente, com o governo Bolsonaro, há um retrocesso nas questões cultural e educacional, que também são bandeiras levantadas pelo rap?

DJ Raffa: Com certeza! Falando de cultura, a situação que passamos no país atualmente é caótica. Temos um governo que não respeita a arte em todas as suas formas e manifestações. Que não respeita as culturas afro-brasileiras, não respeita os quilombolas, os ribeirinhos, as culturas indígenas e populares. Que não respeita a trajetória de artistas consagrados como Fernanda Montenegro, por exemplo. Não entende que artesanato, gastronomia, coletivos folclóricos e urbanos, tudo isso é cultura e são legítimas manifestações culturais do povo. Temos um governo que não sabe separar a política da cultura e, com este argumento, generaliza tudo e acaba com o Ministério da Cultura. É simplesmente inacreditável o que estamos passando neste país. Só que cultura, esporte, ciência e educação são os pilares de uma sociedade e as principais ferramentas de propaganda positiva de um país. Com isso, o governo estimula bons negócios, boas relações e o turismo principalmente.

BF: Para comemorar seus 35 anos de hip hop, uma grande celebração está marcada para novembro. Fale um pouco sobre a preparação deste evento e quais suas expectativas?

DJ Raffa: Será no dia 1º de novembro, na Sala Funarte de Brasília, a partir das 19h. Estou em uma grande ansiedade com esse evento. Vai ser maravilhoso reunir grandes talentos do rap nacional em uma única noite e ainda produzido por mim. Estou muito feliz com esse momento na minha vida. **BF:** Como foi a escolha dos artistas que participaram do seu disco? Ficou com a sensação de que faltou alguém? **DJ Raffa:** Sempre falta alguém (risos). Na verdade venho trabalhando nessa coletânea há cinco anos. Mas por isso que eu coloquei volume 01, pois pretendo lançar no ano que vem o Volume 02. Tentei mesclar artistas novos com artistas já consagrados e aqueles que não podem ficar de fora, é claro, principalmente artistas que não havia produzido ainda.

BF: Como será o DJ Raffa em seus 40 anos de hip hop?

DJ Raffa: Espero que esteja a todo vapor e produzindo muito. Tenho vários projetos que já estão em fase de produção... E outros que eu quero ainda realizar. Minha ideia é deixar o máximo de trabalhos na rua como legado.

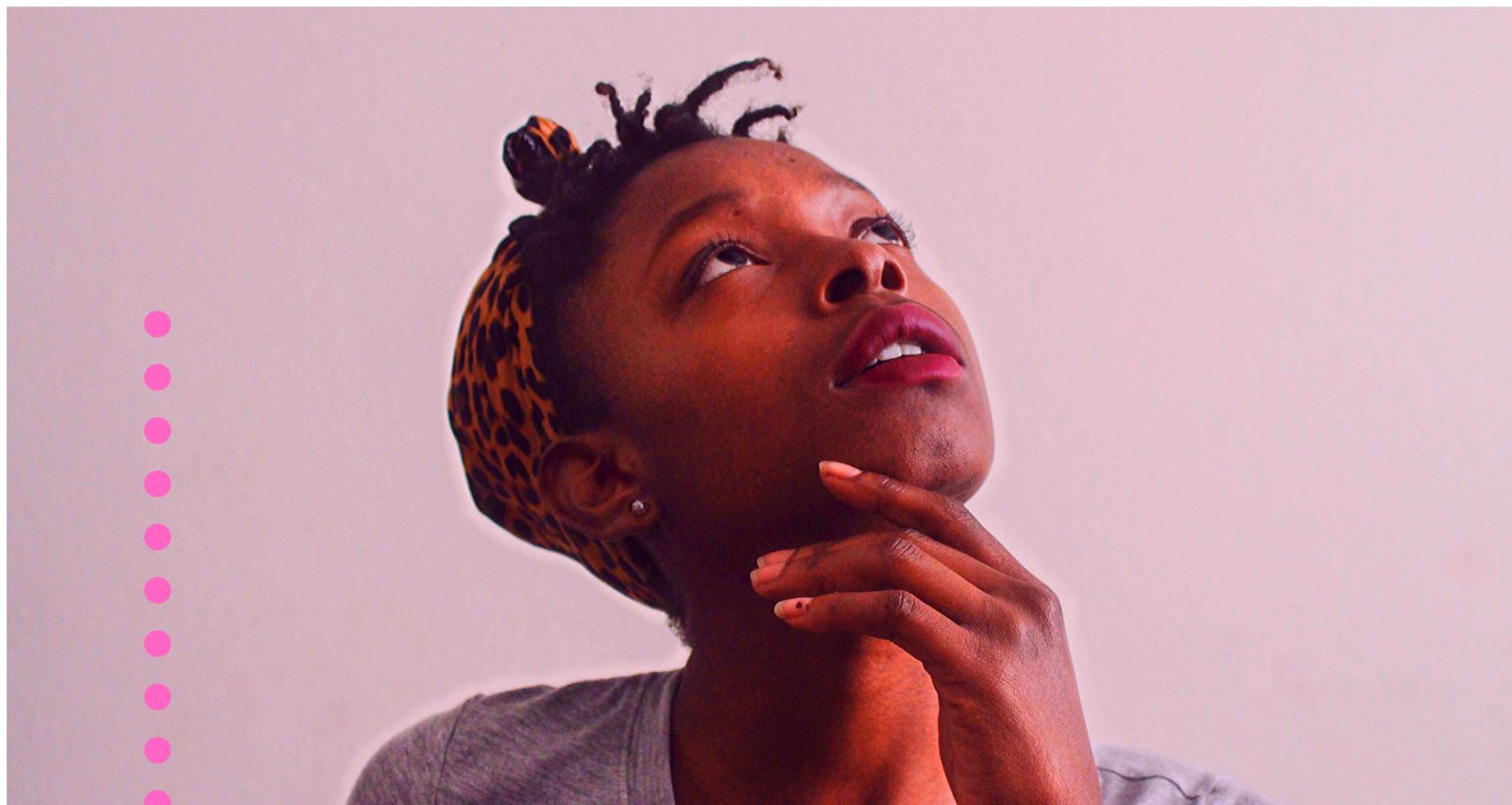


LALA DOCE'S
11-96320-1033
Encomendas somente na região do Jabaquara /SP



Hip Hop e informação de qualidade, desde 1999.
ANUNCIE NO BOCADA FORTE!

Central Girls



Rua Dr. José do Amaral, 289 - Jd. 3 Marias

São Paulo- SP

Tel. - (11) 2026.0108 / 3892.6793

Whats - 1194752.3350

www.facebook.com/centralgirls

www.instagram.com/centralgirls

Loja Virtual - www.centralhh.com.br

Site - www.centralgirls.com.br



Por Gil BF

A história e a evolução das produções de Rap no Brasil se confundem com a história de DJ Raffa. Tanta gente fala e reclama das dificuldades em se destacar fora do eixo Rio-São Paulo, mas Raffa, um carioca que é de Brasília, conseguiu não apenas ser um dos produtores mais importantes do país, como também colocar em evidência muitos grupos do DF. Para comemorar os seus 35 anos de história, ele lançou um disco com 13 faixas - 'DJ Raffa 35 Anos Volume 01'.

Assim como em seu álbum de comemoração de 20 anos, ele convidou artistas que fizeram parte da sua história, grandes nomes e também nomes mais novos. A capa do disco, que vai ter outro volume, é uma montagem com a foto do DJ e as capas de alguns trabalhos que ele produziu.

A abertura de 'DJ Raffa 35 Anos Volume 01' é com seu parceiro Angel Duarte, onde são citados os grupos e coletâneas que Raffa trabalhou e parte da sua história é contada - o exílio da família na Alemanha, seu nascimento no Rio de Janeiro, a mudança para Brasília, o seu início no Hip Hop como B.boy e depois no Rap. O refrão da abertura define a importância do produtor e engenheiro de som: "DJ Raffa hey, DJ Raffa ho, história viva construindo o Rap nacional / DJ Raffa hey, DJ Raffa ho, ajudando a construir o Rap nacional".

E aí o disco segue com o veterano Marrom Snt em "O que você vê". Boa parte da letra também é de reconhecimento e agradecimento a trajetória de Claudio Raffaello Santoro, nome de batismo do DJ. A faixa de número três mostra uma união de três grandes talentos do nosso Rap - DJ Raffa, Japão (Viela 17) e Fex (Filosofia de Rua, Facção Central, Pacto Mental, etc, etc).

Na música "Ceilândia bairro bom", Japão manda bem na rima pra falar da sua quebrada. Fex cuida do refrão, mostrando sua habilidade vocal com o talkbox. De acordo com o próprio Fex, em toda sua experiência no Rap, foi a primeira vez que trabalhou com Raffa e a estreia já foi em duas faixas. Na sequência ele também participa da track "Amigos para sempre", com Marcão (Baseado Nas Ruas), eterno parceiro do DJ. Mais uma vez o talkbox entra em ação.

O primeiro nome da nova geração a aparecer no disco é o MC Rapadura Xique Chico em "30 anos em um dia". Esse moleque é muito bom de rima, é muita ideia, homenageia Raffa, vai costurando nomes de artistas produzidos por Raffa e ao mesmo tempo falando de tudo, o refrão é com colagens e citações.

A próxima faixa é “Novidade”, com DJ Jamaika (ex-Câmbio Negro). Crônica Mendes (A Família) está no disco com a música “É o que tá tendo”. A track traz um refrão com colagem de “Fim de semana no parque”, do Racionais, e a letra fala da realidade das ruas, a vida no Rap, dificuldades e desafios.

A primeira representante das mulheres a aparecer no disco é a Dree-K, do DF, na faixa “Transando com a rima”. Não é nenhuma homenagem, é uma música própria e parece que vai ganhar um videoclipe. Na sequência, no mesmo esquema, o Meiaum, grupo novo também do DF, formado por Melt e Berdinazzi, participa com a música “Tô virado”. Mais dois representantes do DF participam com a música “Meu menino”, escrita há alguns anos. A letra é de Markão Aborígene e o refrão cantado pela Talíz. A música fala do sofrimento, amor e esperança de uma mãe que tem filho um encarcerado.

Em “Da oeste pro DF”, temos dois representantes do Rap da zona oeste de SP: DBS (Família RZO) rima junto com Tate (Eclesiastes/O Pregador). Dois legítimos representantes do rap periférico. O Provérbio-X participa com a música “Religare”. Eles estão entre os grupos que participaram do disco comemorativo de 20 anos. Finalizando o álbum, Raffa apresenta a faixa instrumental “Ijexá Hip Hop”, do grupo Patubatê, que tem como característica “fazer um som sustentável a partir de sucata”. A produção é do DJ e de Leandronik, um de seus parceiros mais antigos.

SÃO 35 ANOS! A NOVA GERAÇÃO DO RAP NÃO TEM ISSO DE IDADE

Eu parablenizo DJ Raffa pela trajetória. Passei toda minha adolescência ouvindo a maioria dos discos que ele produziu. Não importa se gosto ou não de todas as suas produções. “Respeito é pra quem tem”.

São 35 anos! A nova geração do Rap não tem isso de idade. Muitos com 10 anos de trajetória ou menos só reclamam das dificuldades. Olhe as redes sociais e vai se deparar com todo tipo de queixa.

Não foi fácil ontem, não está fácil agora. O trabalho, para um dia ser menos difícil, dever ser intenso, incessante e cansativo. Tenho propriedade pra falar. Na área de comunicação e mídia alternativa, são 19 anos só no BF. Respeite os arquitetos! Parabéns DJ Raffa!





EXPEDIENTE

EQUIPE BOCADA FORTE

*Diretoria-Executiva: André Cesário e Preto Claudinho
Redação: Erica Bastos, Gil Souza, Gilberto Yoshinaga, Noise D
Colunistas: Antonio Cesar, o Padeiro, Camila Cidade*

ESTÚDIO BF

*Jaime Diko Lopes
CCCA (Central de Criação de
Conteúdo Alternativo)*

**Contato: imprensa@bocadaforte.com.br
Publicidade: centralhh.com.br/produto/publicidadebf**